

Índice

Não ter filhos, de opção a dever	1
--	---

Não ter filhos, de opção a dever

A esterilização parece estar a converter-se numa opção admissível para assegurar uma existência *childfree*. O medo de perder a liberdade, as dificuldades económicas ou a preocupação com o meio ambiente são alguns dos motivos avançados para não ter filhos. Entre os *childfree* também se encontram os que não apenas lutam para que a sua escolha de vida seja respeitada, como os que tentam convencer de que a sua decisão é a moralmente correta.

Sophia tem 19 anos, estuda Comunicação no Canadá e quando Suzy Weiss falou com ela para o seu artigo [“First Comes Love. Then Comes Sterilization”](#), acabava de conseguir uma consulta com um médico para que a esterilizasse. Os seus motivos? Quer viajar pelo mundo e visitar todos os continentes e já sabe que nunca irá querer ter filhos.

Rachel Diamond laqueou as trompas há uns seis meses. Tinha crescido a pensar que um dia formaria a sua própria família mas, depois de uma mudança progressista na sua formação e de recorrer a uma psicóloga que lhe fez ver o trauma infantil de que sofria, chegou à conclusão de nunca vir a ter filhos.

Entre as jovens entrevistadas por Weiss também há as que argumentam outros motivos: Isabel tem 28 anos e autoproclama-se ser contrária à natalidade; ou seja: não só é uma orgulhosa *childfree*, como pensa “ser moralmente mau trazer filhos para o mundo” porque vão sofrer.

Motivos

Desigualdades sociais, racismo, delinquência, pobreza, medo de transmitir uma doença... são algumas das razões adiantadas para renunciar à descendência a pensar no sofrimento do hipotético filho. E a crise climática. Neste último ponto, dependendo das posições, o filho que não se quer que nasça é encarado, nalguns casos, como vítima de um mundo apocalíptico ou, outras vezes, como carrasco do planeta. “Muita gente pensa que ter filhos é um dever, mas para mim é justamente o contrário. Acho que a minha responsabilidade é não ter filhos, como parte de um esforço coletivo para responder à insustentável dimensão da população mundial”, [escrevia uma colaboradora no “Huffington Post”](#).

Existe uma tendência entre as pessoas de vinte e tal anos para pensar que, nós humanos, somos o problema, [conforme explica Clay Routledge](#), um psicólogo da North Dakota State University, não só no sentido de contaminarmos os oceanos e mandarmos lixo para o espaço, como de que há algo inerente em nós que nos torna incapazes de fazer as coisas melhor.

Outras vezes, os motivos interligam-se: no [“Huffington Post” uma mulher confessava](#) a sua preocupação com a mudança climática, mas também falava da falta de apoio do governo dos Estados Unidos e do medo de como a maternidade ia afetar a sua carreira profissional. Também há os que alegam não ter encontrado a pessoa adequada, problemas económicos, ou que ter filhos serve somente para vir a alimentar o sistema capitalista.

A esterilização como “ato de amor”

Um [estudo recente](#) de Elizabeth Marks e outros na revista “The Lancet”, mostra que 39 % da Geração Z duvida vir a ter filhos com medo de um colapso climático. Outro, [realizado pelo Institute for Family Studies](#), revela que o desejo de ter filhos entre os adultos desceu 17 % desde o início da pandemia da Covid-19. Um [inquérito do Funcas](#) mostrava que 12 % dos *millennials* asseguravam que não teriam descendência. Neste caso, os motivos adiantados não pareciam tão altruístas como nalguns dos exemplos anteriores: os filhos “dão muitos problemas” (70 %), “limitam muito o tempo livre” (67 %), e “são necessários muitos rendimentos” (64 %).

Os meios de comunicação social refletem – e, às vezes, parecem promover – esta tendência. O jornal “El País” publicou nos últimos anos artigos com títulos como “A solidão da pandemia impulsiona um *boom* de animais de estimação e um mercado multimilionário no Brasil”, “Ter um segundo filho deteriora a saúde mental dos pais,” ou “Não tive filhos para não me prender e agora tenho de cuidar dos meus pais”. Por seu lado, o “The Guardian” tem desde 2020 uma secção de artigos intitulada “[Childfree](#)”.

O desejo de se esterilizar não está a crescer apenas entre as mulheres. Nos Estados Unidos, embora não haja dados oficiais, várias clínicas que efetuam vasectomias tiveram um aumento da sua clientela. A partir das clínicas e nalguns Estados está a ser feita uma importante campanha para fomentar as vasectomias, inclusivamente com propostas disparatadas que pretendem levar todos os homens, após o nascimento do seu terceiro filho, ou quando chegam aos quarenta anos de idade, a submeterem-se a essa operação. “Um pequeno corte para o homem, um salto gigante para a humanidade”, ou “A vasectomia é um ato de amor” são alguns dos lemas utilizados pelas clínicas. “A vasectomia não o afasta da sua masculinidade, mas, de facto, torna-o um homem melhor”, afirma um dos médicos envolvidos nestas práticas.

Contudo, as esterilizações podem ter sérios efeitos secundários que parece não se terem em conta ao promovê-las com ligeireza, como se fossem mais um modo de contraceção e como se não acarretassem riscos.

Um [relatório de 2015](#) da Organização Mundial de Saúde, afirmava que 20 % das mulheres esterilizadas enquanto jovens, se arrependiam da sua decisão. Um artigo do [Institute for Family Studies](#) que recolhia diversos estudos, salientava ser o arrependimento entre as mulheres jovens mais profundo e doloroso. Quatro em cada dez jovens esterilizadas entre os 18 e os 24 anos, ficavam tão afetadas que solicitavam informação sobre operações de reversão da ligação tubária, no espaço dos catorze anos seguintes à intervenção cirúrgica.

Do “não quero ter filhos” ao “e tu não deverias tê-los”

[Num comentário no Institute for Family Studies](#) sobre o livro “Selfish, Shallow and Self-Absorbed: Sixteen Writers on the Decision Not to Have Kids”, Julia Shaw analisava os motivos que os escritores avançavam. Partindo das histórias pessoais, o conjunto de ensaios defendia que a escolha de não ter filhos não só era respeitável, como também digna de admiração. No ano passado, a organização Population Matters atribuiu um prémio ao príncipe Harry e a Meghan Markle pela decisão de não terem mais de dois filhos para cuidarem do planeta, porque “são um modelo a seguir por outras famílias”, segundo a porta-voz da instituição.

Esta espécie de moralismo contra a natalidade costuma catalogar os que têm filhos como egoístas: por se preocuparem somente em deixar um legado no mundo, por terem filhos próprios quando existem crianças que podem adotar, por não pensarem no planeta, etc.

Os autores de “Selfish, Shallow and Self-Absorbed” talvez tenham razão num ponto: “Ninguém possui o monopólio do egoísmo”. Uma pessoa pode ter filhos pelos motivos errados: a pensar somente na sua própria autorrealização, em marcar mais um *check* na sua lista, em deixar a sua marca no mundo... Sabemos que os filhos não existem para isso, mas nos últimos anos a visão da maternidade e da paternidade parece ter-se deslocado para um olhar centrado nos adultos onde haveria que perguntar se estão a ter filhos para si (para satisfazer os seus anseios e expectativas) ou para os próprios filhos; e, do mesmo modo, se estamos a deixar de tê-los por eles (a pensar no hipotético bem do hipotético filho) ou por nós adultos (a nossa comodidade, os nossos planos, a nossa liberdade...).

Viver para outros

Mas muito menos se pode concluir que “ser pai é tão egoísta como não sê-lo”, como defendeu Aloma Rodríguez em “[The Objective](#)”. Importam os motivos e a intenção, sim, mas existe algo mais.

Num artigo intitulado “[The Case for One More Child. Why Large Families Will Save Humanity](#)”, Ross Douthat confessa que pode entender e ver uma certa coerência nos *childfree* que o são pelo medo do impacto climático da superpopulação mundial (embora lhe pareça uma abordagem errada para enfrentar a crise do meio ambiente), mas tem sérias dúvidas sobre os que renunciam à paternidade invocando o bem da sua descendência. “A humanidade persistiu, porque as pessoas têm tido filhos em circunstâncias radicalmente difíceis: no meio de fomes, guerras e miséria numa escala que nem podemos sequer imaginar”, escreve.

No seu artigo, Douthat aponta alguns dos efeitos de um ponto de vista pragmático que acarreta uma sociedade com uma população que diminui devido à baixa taxa de nascimentos: menor crescimento económico, menos empreendimentos, esclerose nas instituições públicas e privadas, maior desigualdade. Como efeitos a mais longo prazo: “A diminuição dos laços sociais [...] a fragilidade de uma sociedade onde os vínculos intergeracionais podem ser cortados por causa de uma inimizade ou de um falecimento; a tristeza dos jovens numa sociedade que se inclina para a gerontocracia; [a crescente solidão dos idosos](#)”.

Mas, para lá dos motivos práticos pelos quais a natalidade é louvável, Douthat defende que criar alguns filhos (ele e a sua mulher têm quatro) “é a forma de vida que nos empurra para a *kenosis*, o *autoesvaziamento*, a experiência do que significa viver inteiramente para alguém que não sejamos nós mesmos”. E isto coloca-nos na margem oposta do egoísmo.

Fascínio pelas famílias numerosas

Como salienta Douthat igualmente no seu artigo, “a cultura popular manifesta pelo menos tanto fascínio pelas famílias numerosas como pelos receios da superpopulação”, referindo-se ao sucesso de mães blogueiras e *instamamis* com milhares de seguidores.

Loreto Gala – [27 000 seguidores no Instagram](#) – deu à luz o seu quarto filho e é a criadora de uma tendência que denominou *austerismo*, um movimento que, segundo ela própria descreve na sua *web*, é baseado na austeridade. “É a virtude através da qual aprendemos a gerir os recursos que já temos com senso comum, sentido social e previsão. Começamos a dar o valor que cabe às coisas, um cuidado responsável a favor do bem comum”. Na sua vida, os cuidados para com o meio e a sua família numerosa entrelaçam-se sem choques, e mais, integram um modo de viver.

“Se formos examinar as dicas mais clássicas de ‘Como ser ecológico em casa’ ou ‘Ensina a cuidar da ecologia em família’, veremos como todas as famílias numerosas deveriam ter direito aos prémios *eco friendly*”, afirma Mar Dorrio, que junta oito mil seguidores na sua conta do Instagram [Why not twelve?](#), [num artigo publicado em “Aleteia”](#). E enumerava alguns desses pontos a partir da sua experiência como mãe de doze filhos: dar aos objetos uma segunda vida (irmãos que herdaram de outros irmãos); poupança de água (“Nada é mais motivador para acelerar o ritmo do duche que os gritos de ‘Preciso de entrar!’”); não colocar a máquina de lavar roupa nem a máquina de lavar louça a meia carga...

Enquanto alguns apresentam como motivação para a sua vida *childfree* que a sua hipotética descendência possa vir a sofrer (ou a piorar) com a situação do meio ambiente, outros entendem que pensar no futuro dos seus filhos constitui um estímulo

para fazer as coisas melhor. Lucie Brown, mãe de dois filhos e ativista climática, [contou ao “Huffington Post”](#): “Talvez ter filhos e experimentar esta preocupação e este medo pelo futuro seja o que me motivou a encontrar em mim e numa comunidade de outros pais, o poder de dizer que podemos – e devemos – mudar o sistema em que estamos a viver”. Uma ideia similar foi representada num [anúncio do Erste Group no último Natal](#) sob o lema *#ibelieveintomorrow*.

Os filhos não são “vampiros”

Abundam também os testemunhos de pessoas que depois de uma época em que achavam de forma muito clara que não queriam vir a ter filhos ao longo da sua vida, mudaram de opinião. Christopher Kaczor [dizia há uns anos em “First Things”](#) a respeito “do mito dos filhos vampiros”: tinha sempre pensado que constituíam uma sangria (económica e emocional) e que acabavam com os sonhos parentais, que sugavam a vida dos seus pais. Mas quando a sua mulher e a sua primeira filha estiveram quase a morrer no parto, a sua abordagem sobre o tema alterou-se.

A aspiração de sermos pais, além disso, longe de ser uma imposição social, é um desejo natural que acontece pela forma como estamos desenhados. Jaume Vives contava em [“El Debate”](#) que “a paternidade é uma irresponsabilidade, porque quando geramos um filho adquirimos a responsabilidade de acompanhá-lo, e nunca se está preparado para isso. Mas [...] é uma irresponsabilidade necessária [...] porque necessitamos de nos dar, morrer, transcender e, se o nosso coração for normal, necessita de dar amor”. Além disso, acrescentava, a paternidade também ensina: “Ter filhos ajuda a estabelecer critérios, ajuda a ver a realidade com muito mais clareza [...]. Um filho é uma bofetada de realidade. [...] e isso, talvez, nos ajude a sermos pais mais responsáveis”.

L. M. A.